O Comercio da Povoa de Varzim

Ano 20 — N.º 25 | Director e editor: — JOAQUIM GRAÇA. | 24 de Junho de 1923

ASSINATURAS—Portugal, continente, semestre 3$50; colonias, ano 12$00; Brazil, ano, (moeda brazileira) 15$000; outros paizes estrangeiros, ano 18$00.
ANUNCIOS — Linha, $40. Mais de uma publicação, preço convencional.

Publicação semanal aos domingos

Este jornal, de grande tiragem, é o de maior circulação no concelho

REDACÇÃO E TIPOGRAFIA
Rua da Liberdade — Povoa de Varzim
Propriedade de FRASCO & IRMÃO

A consagração a Rocha Peixoto

Decorreu com brilhantismo a homenagem prestada pela Escola Primaria Superior

Foi deveras grandiosa a homenagem que a Escola Primaria Superior prestou ao seu patrono.

Bem merecida foi esta glorificação ao saudoso morto, que passou a sua vida a honrar a sciencia e a Patria.

Eram 14,5 horas quando ao edificio da Escola chegou o sr. Daniel Rocha Peixoto, representante da familia e os demais convidados para a sessão solene, sendo todos recebidos pelo corpo docente da Escola na sala do Conselho.

Pouco depois entraram no salão os dignos professores, acompanhados do seu ilustre Director, que assumiu a presidencia.

Depois de executado pelos alunos o hino nacional, que foi ouvido respeitosamente pela assistencia, tomou a palavra o sr. Presidente.

Começou por fazer a historia desta festa e agradecer tambem ao professor sr. dr. Arnaldo Baptista a incumbencia, que aceitou, do Conselho Escolar, para redigir a moção, que foi endereçada ao ex.^{mo} ministro da Instrução Publica.

Depois convidou o professor sr. José Sá, secretario da Escola, a acompanhar o irmão do malogrado Rocha Peixoto para este descerrar o retrato do patrono da Escola, que estava colocado na sala do Conselho.

Terminada esta comovedora cerimonia, foi convidado o sr. dr. José Verissimo Marques da Silva, muito digno professor do liceu de «Eça de Queiroz», a presidir á sessão, e este por seu turno chamou para secretarios os srs.: segundo comandante do 3.º grupo, capitão do Porto, sub-delegado de saude e dr. João Pedro de Sousa Campos.

Dada a palavra ao ilustre professor da Escola sr.

dr. Arnaldo Baptista

leu este o seguinte discurso que temos a honra de publicar:

Meus Senhores:

Esta sessão solene destina-se a prestar uma homenagem de inteira justiça á memoria do povoense insigne que foi o malogrado Antonio Augusto da Rocha Peixoto,—verdadeiro simbolo do homem de sciencia e do cidadão prestante e profundamente devotado ao engrandecimento moral e material da sua terra e do seu país.

O governo da Republica, determinando que a esta Escola fosse imposto o nome de Rocha Peixoto, praticou um acto do mais nobre e puro civismo, porque o ilustre e inolvidavel povoense não só tinha jus a esta consagração pelos relevantes serviços que prestou ás letras-patrias, enriquecendo-as com trabalhos dum alto valor scientifico, como tambem porque foi um grande, um indefectivel republicano, a cujo ideal sacrificou talvez uma boa porção da sua inteligencia e das suas comodidades pessoais, embora nunca tivesse sido um politico, na acepção estreita e vulgar do termo.

Desde hoje patrono desta Escola, e ao inaugurar-se-lhe o retrato adentro das paredes deste templo da instrução, de justiça é tambem neste momento traçar, em rapido esforço, algumas notas biograficas do saudoso homenageado, dizendo algo da sua vida e da sua larga obra de scientista, para terminar fazendo um apelo aos seus conterraneos que oxalá seja tomado na consideração que merece, não se demorando a hora de se prestar á sua memoria querida mais esse preito de imorredoira gratidão.

Rocha Peixoto nasceu nesta vila a 18 de maio de 1866, sendo baptisado em 21 do mesmo mez e vindo a falecer ainda a 2 de maio de 1909, contando apenas 43 anos de idade incompletos, depois duma vida que é uma afirmação rarissima do mais porfiado labor, toda votada aos interesses da sciencia. Desde muito novo—pois tinha apenas 15 anos—fundou com outros espiritos gentis do seu tempo, um pequeno jornal intitulado «Boletim Literario», onde publicou artigos que denotavam já um precoce e formoso talento de escritor.

Entretanto matriculava-se na Academia Politecnica do Porto, onde desde logo se salientou pelo brilho do seu espirito, pela largueza da sua inteligencia e pelos dotes do seu lidimo caracter. Orfão de pai no alvorecer da existencia e tendo pela familia que o adorava o mais enternecido afecto, lançou-se abertamente na luta pela vida, consumindo-se num trabalho imenso, realisado dia a dia com um esforço quasi sobre-humano para a sua fraca e delicada compleição fisica. Espirito dotado de rara vivacidade, com um grande amor ao trabalho e dispondo duma mentalidade superior, facil lhe foi aproveitar as suas excepcionais qualidades de infatigavel obreiro da sciencia.

E assim o vemos fundar a sociedade Carlos Ribeiro, instituição scientifica de largo renome onde ele juntamente com Nery Delgado, Estacio da Veiga e outros, começou os seus estudos sciencias naturais, escrevendo artigos sobre assuntos que interessavam já ao problema etnico portuguez.

Por orgão na imprensa tinha aquela douta associação a «Revista de Sciencias Naturais e Sociais» cuja colaboração assidua lhe abriu as portas para a sua colocação na Academia Politecnica do Porto, na qualidade de chefe dos trabalhos praticos do gabinete de mineralogia e de director da Biblioteca municipal e Museu da mesma cidade. Colaborou tambem duma forma superior demonstrando um espirito muito vivo e scintilante na esplendida «Revista de Portugal», de que era director o eminente romancista Eça de Queiroz e sub-director o insigne escritor sr. dr. Luiz de Magalhães, sustentando numa serie de artigos memoraveis a necessidade da reorganisação do Museu Municipal do Porto.

Mais tarde e após largos estudos e frequentes explorações arqueologicas percorreu quasi todo o país, mas sobretudo o Minho, o Douro e parte da provincia de Traz-os-Montes, conseguindo obter abundante material que lhe forneceu motivo para a elaboração de trabalhos magistrais sobre etnografia. Juntamente com o engenheiro Ricardo Severo e capitão Fonseca Cardoso, fundou esse padrão de gloria para a sciencia portugueza, a «Portugalia», onde estão perduravelmente arquivados os seus esplendidos artigos sobre os usos, costumes, crenças, lendas, habitações, regimen de propriedade, sistemas de cultura, etc. do povo portuguez.

As explorações do Castro de S. Felix em Laundos e da Cividade de Terroso tiveram logar nos anos de 1906 e 1907, sob a sua inteligente direcção, e nelas foi encontrado—um espolio interessante de pedras, barro, vidros, bronze, ferro, prata e ouro, bem como alfinetes e agulhas de bronze, alem de 100 edificações e seus anexos, a muralha subsistente, pavimentos de ruas e outros pormenores constructivos acessorios.

E' para notar que a avultada despeza feita com estes trabalhos, em cuja realisação Rocha Peixoto pôs á prova a sua grande actividade, foi custeada pela benemerencia particular de amigos e conterraneos nossos.

O seu espirito profundamente democratico levou-o a escrever «O Regimen Comunalista em Portugal»—e no interesse exclusivo da economia nacional publicou tambem esse livro erudito e de verdadeira sciencia «A Terra portugueza».

Os estudos etnograficos a que particularmente se dedicava e pelos quais se apaixonou, levaram-no a produzir uma obra solida e inteiramente nova entre nós. Para lamentar é, porém, que permaneça inédita a obra monumental, a sua herança espiritual—«A Serra», «A Ribeira» e «O Mar»—para cuja organisação realisou diversas excursões pelo país e recolheu abundante e precioso material, subindo ás serras, descendo aos vales e contornando o litoral.

Investigador cheio de audacia e espirito de rara cultura não se quedava um instante nas suas locubrações, e antes cada vez mais se radicava na sua nobilissima alma de patriota o amor e o anceio de novas conquistas para a sciencia e para o engrandecimento do seu país. Com inconfundivel realce e sob multiplas formas, Rocha Peixoto afirmou eloquentemente a sua poderosa individualidade scientifica, legando á posteridade estudos do seu país uma obra que, fazendo a gloria do seu nome, honra e dignifica a terra onde nasceu.

Tendo pela sua terra natal o mais entranhado amor, interessando-se por todos os seus progressos materiais e morais, levantou em 1906 a questão da naturalidade de Eça de Queiroz, conseguindo demonstrar com documentos irrefutaveis, que se acham devidamente arquivados em volume e sob a guarda da Camara Municipal, que foi nesta vila que nasceu aquele eminente homem de letras, gloria de Portugal.

• • •

Evocar neste momento a hora em que pelas ruas da Povoa passou o cadaver de Rocha Peixoto, num cortejo que mais parecia a marcha triunfal de glorificação a um heroi do que a homenagem funebre prestada a um morto,—é recordar o quanto ele era querido e respeitado nesta terra,—que era a sua e pelo progresso e engrandecimento da qual nunca deixou de pugnar em todos os campos em que o seu gentilissimo espirito e a sua robusta inteligencia tiveram ocasião de encontrar-se.

Cortejo verdadeiramente apoteótico em que toda a Povoa se encorporou sem distinção de classes nem de partidos, desde as crianças das escolas e o mais humilde operario até ás mais elevadas personalidades da nossa sociedade,—esse funeral foi bem a demonstração eloquente do quanto valia Rocha Peixoto e do quanto os povoenses sabiam pezar na balança da sua consciencia todo esse altissimo valor tantas vezes pôsto ao serviço da sua terra e dos seus conterraneos. Porque Rocha Peixoto adorava a Povoa chegando o seu bairrismo ao ponto de dizer publicamente que,—depois do Porto onde desabrochou a sua formosissima inteligencia e que foi o vasto campo onde o seu claro espirito desenvolveu toda a actividade de que se tornou capaz,—era a Povoa a terra melhor e mais linda de Portugal!

Pois bem! Se esse cortejo que o conduzia ao cemiterio foi uma afirmação grandiosa do quanto a Povoa lhe queria—triste é dizelo mas é uma eloquentissima verdade:—Os seus despojos ainda hoje jázem num mausoleu que a amizade e o patriotismo dum povoense então lhe dispensou! Logo surgiu o pensamento de se lhe erigir uma jazida condigna, um monumento que ficasse perpetuando o amor e a gratidão da Povoa por um dos seus filhos mais ilustres. Mas... passaram-se os anos e os restos mortais de Rocha Peixoto ainda continuam devendo á amizade o emprestimo da sua ultima morada.

Pois é este o apelo que se faz á Povoa inteira e a que nos referimos no principio deste destaviado preito de homenagem á memoria de Rocha Peixoto. Que o que então se alvitrou e se não fez—se faça agora.

Que a Povoa pague essa grande divida a este seu filho tão devotado e o não deixe ficar perpetuamente numa moradia de emprestimo. Que os seus ultimos despojos sejam recolhidos num monumento embora modesto, mas que seja só seu, e que mostre á posteridade que a Povoa sabe exaltar aqueles que tanto a dignificaram e que tanto trabalharam para a engrandecer.

A seguir fez uso da palavra o sr.

dr. Artur Araujo,

medico escolar, que apresentando por têma a «doença da mentira» conseguiu mais uma vez mostrar as suas brilhantes qualidades de escritor eximio.

Começou s. ex.ª por pedir perdão á assistencia de aproveitar o ensejo da tão brilhante festa para dar a ultima lição deste ano aos seus alunos da cadeira de Higiene. Tratando-se, diz, de enaltecer a sciencia e a verdade, lembrou-me falar-lhes duma doença que tão arredada andava do espirito brilhante de Rocha Peixoto, mas que infelizmente é apanagio da sociedade em que vivemos. Aborda a seguir o tema da sua conferencia que tem por assunto a «doença da mentira». No meio do maior silencio e interesse da assistencia começou por afirmar que a mentira é das doenças a mais contagiosa e querida do homem. Predomina na segunda infancia, declina na puberdade e na idade adulta, e só em casos raros se dissipa com a velhice. Cita interessantes observações de Arquivos de Psicologia em que a mendacia das creanças chega a apresentar indicios patologicos.

Repete com Le Bruy que o homem nasceu mentiroso e acrescenta sem medo de errar, que vive e morrerá mentiroso!... A proposito da fantasia tão natural nas creanças, fala tambem na dos poetas, novelistas, viajantes etc, e cita o «Tartarin de Tarascon» de Alfonse Daudet, os contos arabes das «mil e uma noites» as fantasias de Hoffman, etc. Diz que a mentira é um processo psicologico de todos os tempos, e admite que o celebre Epaminondas—*qui nec jocur mentirctur*—talvez para ser o maior defensor da verdade tivesse começado pelo avesso dela. Refere-se ao sexo fragil como mais mentireiro que o masculino e admite que as necessidades da mentira na vida social são constantes lembrando a frase de Tayllerand, ser a palavra feita para ocultar o pensamento.

Referindo-se á mentira médica cita o livro de Anatole France, «Histoire comique» onde um certo Dr. Socrates, exclama: «tenho uma loja de mentiras! Alivio e consólo e ninguém póde aliviar e consolar sem mentir!...

Diz depois por entre risos da assistencia que a consagração maior da mentira está na imprensa e nas narrativas dos viajantes e dos caçadores. Lembra que o calendario consagra ás pétas o 1.º de Abril; refere-se á mentira no pequeno comercio que vende sempre com prejuizo a mercadoria, muito embora os cincoenta ou cem por cento de lucro, e faz uma larga resenha da mentira social sob multiplos aspectos. Afirma que a terapeutica da mentira eventual ou profissional está na educação do caracter e da inteligencia e relembra as palavras de Max Nordau, nas «mentiras convencionais» da civilização d'hoje cujos caracteres são o pessimismo, o egoismo e a mentira, deve dar logar á civilização da verdade, da satisfação e do amor ao proximo». Termina agradecendo a benevolencia com que o escutaram e despede-se dos alunos do terceiro ano apresentando-lhe um conceito que estimaria lhes servisse de lêma na vida: «Falar verdade em tudo é sempre proveitoso e mais facil que dizer mentiras!»

O discurso do sr. dr. Artur Araujo foi sublinhado com entusiasticas palmas.

Os alunos da Escola foram muito aplaudidos pela fórma digna como se apresentaram.

Alem do aluno Manoel Maçães, que proferiu um pequeno discurso, recitaram poesias em português, francês e inglês os alunos Bernardet Castro, Joaquina Cardoso, Maria Oliveira, Maria Primavera dos Santos Graça, Julio Braga, José Pereira da Silva e Manoel Sousa.

Nesta altura foi aberta a exposição de trabalhos, feitos pelos alunos durante o ano lectivo, que todos acharam interessantes pela variedade e perfeição.

Foram muito apreciados os corais executados pelos alunos, bem como as provas de ginastica, tudo superiormente dirigido pelos professores srs. Leopoldino Loureiro e José Sá.

Pelas 16 horas organisou-se o cortejo ao cemiterio com a assistencia dos representantes das associações locais e respectivas bandeiras, encorporando se tambem as pessoas mais gradas da terra, os alunos e professores da Escola e do Liceu e muito povo, que assim se quiz associar á homenagem promovida pela Escola Primaria Superior de Rocha Peixoto.

Chegados á sepultura do sempre chorado Rocha Peixoto usou da palavra o professor sr. Firmino Calafate, que depois de dirigir aos alunos algumas palavras repassadas de sentimento convidou os a depôr as suas flôres junto do sepulcro e a evocar a memoria do falecido durante um minuto de silencio.

Foi uma festa eloquente, que ficará bem gravada nos anais da Povoa, e que só honra o corpo docente da nossa Escola Primaria Superior.

• • •

AGRADECIMENTO

O corpo docente da Escola Primaria Superior de Rocha Peixoto agradece muito reconhecido a todos os elementos oficiais, associações locais e mais pessoas que honraram com a sua presença a sessão solene e se dignaram encorporar na romagem ao cemiterio, prestada á memoria do seu patrono Rocha Peixoto.